

EDIÇÃO DE 10 ANOS

# SE EU FICAR

INCLUI CONTO EXTRA

GAYLE  
FORMAN



ARQUEIRO

Título original: *If I Stay*

Copyright © 2009 por Gayle Forman  
Copyright da tradução © 2019 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Regiane Winarski

*preparo de originais:* Rachel Rimas

*revisão:* Flávia Midori e Mariana Rimoli

*diagramação:* Valéria Teixeira

*capa:* Katie Kuppens

*adaptação de capa:* Gustavo Cardozo

*imagens de capa:* © Brooke Pennington/ Getty Images

*impressão e acabamento:* Cromosete Gráfica e Editora Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

F82s Forman, Gayle  
Se eu ficar / Gayle Forman; tradução de  
Regiane Winarski. São Paulo: Arqueiro, 2019.  
208 p.; 16 x 23 cm.

Tradução de: If I stay  
ISBN 978-85-306-0045-7

1. Ficção americana. I. Winarski, Regiane.  
II. Título.

19-60257

CDD 813  
CDU 82-3(73)

---

Todos os direitos reservados, no Brasil, por  
Editora Arqueiro Ltda.  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br  
www.editoraarqueiro.com.br

PARA NICK

*Finalmente... Sempre*

**7:09**

Todo mundo acha que foi por causa da neve. E, de certa forma, acho que é verdade.

Acordo com uma camada branca e fina cobrindo o gramado na frente de casa. É insignificante, mas, nessa parte do Oregon, isso quer dizer que a cidade inteira vai parar, já que o único limpa-neve da região é utilizado para liberar as estradas. É apenas água caindo do céu, gotas e mais gotas líquidas, não congeladas.

Mesmo assim, é neve suficiente para que as aulas sejam canceladas. Meu irmãozinho, Teddy, solta um grito efusivo quando ouve a notícia no rádio da mamãe.

– Dia de neve! – comemora ele. – Pai, vamos fazer um boneco.

Meu pai sorri e dá uma batidinha no cachimbo. Ele começou a fumar recentemente; está passando por uma fase bem anos 1950, como se tivesse saído de um episódio de *Papai sabe tudo*. Também costuma usar gravata-borboleta. Não sei bem se tudo isso é estilo ou sarcasmo, o jeito dele de anunciar que era punk, mas agora é professor de inglês, ou se foi o magistério que o deixou antiquado. Mas gosto

do cheiro de tabaco do cachimbo. É doce e defumado, e me lembra inverno e fogões a lenha.

– É corajoso da sua parte – diz papai a Teddy. – Mas os flocos de neve mal estão grudando no chão. Você pode tentar fazer uma ameba, em vez de um boneco.

Dá para ver que meu pai está feliz. Todas as escolas do condado estão fechadas, incluindo a minha, de ensino médio, e a de ensino fundamental em que ele dá aula, o que significa que ele também foi agraciado com um dia de folga inesperado. Minha mãe, que trabalha em uma agência de viagens no centro, desliga o rádio e serve sua segunda xícara de café.

– Bom, se vocês vão ficar à toa hoje, eu é que não vou para o trabalho. Não é justo. – Ela pega o telefone e liga para a agência. Quando termina, olha para a gente e anuncia: – Vou preparar o café da manhã, que tal?

Papai e eu soltamos uma gargalhada. Minha mãe come cereal e torrada, por isso geralmente é meu pai quem assume a cozinha.

Ela finge não nos ouvir e pega uma caixa de massa pronta no armário.

– Ah, por favor. Não é tão difícil assim. Quem aí quer panqueca?

– Eu! Eu! – grita Teddy. – Pode ser com gotas de chocolate?

– Claro que sim – responde mamãe.

– Uhul! – exclama Teddy, balançando os braços no ar.

– Você está animado demais para esta hora da manhã – brinco, e me viro para mamãe. – Acho que Teddy não devia tomar tanto café.

– Agora eu só dou descafeinado para o seu irmão – responde ela.

– Ele é empolgado por natureza mesmo.

– Só não mude o *meu* para descafeinado, por favor – peço.

– Aí já seria um caso de maus-tratos – conclui meu pai.

Minha mãe me entrega uma caneca fumegante e o jornal.

– Tem uma foto bonita do seu rapaz aí – comenta ela.

– Sério? Uma foto?

– É. E foi só o que a gente viu dele desde o verão – afirma minha mãe, me olhando de lado com a sobrancelha arqueada, a versão dela de olhar penetrante.

– Eu sei – falo, e, sem perceber, suspiro.

A banda de Adam, Shooting Star, vem fazendo cada vez mais sucesso, o que é ótimo... quase sempre.

– Ah, a fama, desperdiçada com a juventude... – diz meu pai, com um sorriso. Sei que ele está animado pelo Adam. Até mesmo orgulhoso.

Folheio o jornal até a seção da programação cultural. Tem uma pequena biografia da Shooting Star, com uma foto ainda menor dos quatro integrantes da banda, ao lado de um artigo enorme sobre a Bikini e uma foto enorme da vocalista: a diva punk rock Brooke Vega. A parte sobre eles basicamente informa que a banda local Shooting Star vai abrir os shows de Portland da turnê nacional da Bikini. Não chegam a mencionar o que, para mim, é a notícia mais importante: na noite anterior, a Shooting Star foi a atração principal de um clube em Seattle e, de acordo com a mensagem que Adam me mandou à meia-noite, o lugar lotou.

– Você vai hoje? – pergunta meu pai.

– Eu queria. Mas não sei se vão fechar tudo por causa da neve.

– Bom, *realmente* uma nevasca vem se aproximando – diz ele, apontando para um único floco de neve pairando no ar.

– Eu também tinha que ensaiar com um pianista da faculdade que Christie arrumou.

Christie é uma professora de música aposentada que costumava dar aula na universidade. Trabalhamos juntas há alguns anos, e ela sempre está à procura de vítimas para tocarem comigo. “É para você se preparar para mostrar aos esnobes da Juilliard como se faz”, argumenta ela.

Eu ainda não entrei na Juilliard, mas minha audição foi muito boa. As suítes de Bach e de Shostakovich fluíram com perfeição, de uma

forma que nunca tinha acontecido antes, como se meus dedos fossem uma extensão das cordas e do arco. Quando terminei de tocar, ofegante, as pernas tremendo de tanto pressionar os pedais, um dos avaliadores chegou a aplaudir um pouco, o que não deve acontecer com muita frequência. Ao me retirar da sala, o mesmo avaliador comentou que fazia muito tempo que a escola não “via uma garota do interior do Oregon”. Christie interpretou isso como aprovação garantida. Não tenho tanta certeza assim. E também não tenho certeza de que é isso que eu quero que aconteça. Assim como a ascensão meteórica da Shooting Star, minha entrada na Juilliard, caso se concretize, pode criar algumas complicações ou, mais precisamente, aumentar as complicações que já existem.

– Preciso de mais café. Alguém quer? – pergunta minha mãe, se aproximando com a jarra da cafeteira na mão.

Sinto o aroma do café, o grão francês intenso, preto e oleoso que todos amamos. Só o cheiro já me dá energia.

– Acho que vou voltar para a cama – anuncio. – Meu violoncelo está na escola, nem vou conseguir ensaiar.

– Sem ensaio? Por 24 horas? Calma, não seja tão radical – brinca minha mãe.

Apesar de ter adquirido o gosto por música clássica ao longo dos anos (“é como aprender a saborear um queijo fedido”), mamãe nem sempre é a plateia mais entusiasmada para minhas maratonas de ensaio em casa.

Ouçõ um estrondo vindo do andar de cima. É Teddy tocando bateria. O instrumento era do meu pai, de quando ele tocava em uma banda famosa em nossa cidade – mas desconhecida no resto do mundo – e trabalhava em uma loja de discos.

Meu pai sorri ao ouvir o barulho e eu sinto um incômodo familiar. Sei que é besteira, mas vivo me perguntando se meu pai ficou decepcionado por eu não ter seguido o caminho do rock. Era o que eu pretendia, mas, no terceiro ano do fundamental, acabei indo tocar

violoncelo na aula de música. O instrumento me parecia quase humano. Eu sentia que, se o tocasse, ele pudesse revelar segredos. Isso agora faz quase dez anos, e tenho tocado desde então.

– Vai ser difícil voltar a dormir, hein! – grita minha mãe, competindo com a bateria do meu irmão.

– Olhem só, a neve já está derretendo – indica meu pai, baforando no cachimbo.

Vou até a porta dos fundos e espio lá fora. Vejo um raio de sol entre as nuvens e ouço o gelo derretendo e chiando. Fecho a porta e volto para a mesa.

– Acho que as pessoas se desesperaram à toa – digo.

– Talvez. Só que agora não dá para voltar atrás e abrir a escola. E eu também já avisei que tiraria o dia de folga, não é mesmo? – retruca mamãe.

– Realmente. Mas podemos tirar vantagem dessa dádiva inesperada e fazer alguma coisa – sugere papai. – Dar uma volta. Visitar Henry e Willow.

Henry e Willow são velhos amigos dos meus pais, de quando todos faziam parte do mundo da música. Então tiveram um filho e decidiram começar a se comportar como adultos. Os dois moram em uma casa grande. Henry faz coisas de internet no celeiro transformado em escritório e Willow trabalha em um hospital nos arredores. Eles têm uma filhinha, e é por causa dela que meus pais querem ir até lá. Teddy acabou de completar 8 anos, e eu, 17, o que significa que faz tempo que não temos o cheiro de leite azedo que faz os adultos se derreterem.

– Podemos parar no BookBarn na volta – diz mamãe, tentando me convencer.

O BookBarn é um sebo enorme, empoeirado e velho. Nos fundos, há uma pilha de discos de música clássica a 25 cents. Ninguém compra, só eu. Tenho vários deles embaixo da cama. Ficam escondidos, porque uma coleção de discos de música clássica não é o tipo de coisa que você sai anunciando por aí.



Eu os mostrei para Adam, mas só depois de cinco meses de namoro. Pensei que fosse rir e achar ridículo. Ele é superdescolado, com sua calça jeans skinny, tênis pretos de cano baixo, camisetas surradas de bandas de punk rock e tatuagens minimalistas. Não é o tipo de cara que ficaria com alguém como eu. E foi por isso que, dois anos atrás, quando percebi que ele me observava no estúdio de música da escola, tive certeza absoluta de que estava debochando de mim e passei a me esconder dele. Mas Adam não riu nem achou ridículo. Tinha uma coleção empoeirada de discos de punk rock debaixo da cama.

– Também podemos passar na casa da vovó e do vovô e jantar com eles – sugere papai, já pegando o telefone. – Vamos voltar a tempo de você ir para Portland – acrescenta, enquanto liga.

– Estou dentro – digo.

Não é porque vamos passar no BookBarn ou porque Adam está em turnê ou porque minha melhor amiga, Kim, está ocupada com o anuário. Também não é porque meu violoncelo ficou na escola ou porque, se eu ficasse em casa, não me restaria muito além de dormir ou ver televisão. Eu realmente gosto de sair com minha família. Essa é outra informação que não dá para espalhar aos quatro ventos.

– Teddy! – chama meu pai. – Comece a se arrumar. Temos uma bela aventura pela frente.

Teddy termina o solo de bateria com uma batida nos pratos. Um momento depois, entra saltitando na cozinha já todo vestido, como se tivesse colocado as roupas enquanto descia a íngreme escada de madeira da nossa casa vitoriana.

– *School's out for summer...* – canta ele.

– Alice Cooper? – pergunta papai. – Precisamos apelar assim? Pelo menos cante Ramones.

– *School's out forever* – continua Teddy, ignorando os protestos.

– Sempre otimista – comento.

Minha mãe ri e deixa um prato de panquecas ligeiramente queimadas sobre a mesa da cozinha.

– Pode avançar, pessoal!

## 8:17

Entramos no nosso Buick enferrujado, um carro que já era velho quando o ganhamos de presente da vovó, depois que Teddy nasceu. Meus pais me perguntam se quero assumir a direção, mas rejeito a ideia, e é meu pai quem se senta no banco do motorista. Ele gosta de dirigir agora. Passou anos se recusando veementemente a tirar a carteira e insistia em ir de bicicleta para todo lado. Quando ele tocava na banda, essa teimosia obrigava seus colegas a pegar no volante durante as turnês. É claro que eles não gostavam disso. Minha mãe não só não gostava, como atormentou, bajulou e algumas vezes gritou com meu pai para convencê-lo a tirar a habilitação, mas ele não desistiu da bicicleta, dizia que preferia a força do pedal.

– Bom, então é melhor você começar a construir uma bicicleta que carregue sua família e que nos proteja quando estiver chovendo – exigiu ela.

Ao ouvir isso, meu pai ria e dizia que um dia chegaria lá.

Quando engravidou do Teddy, minha mãe bateu pé e deu um ultimato. “Chega”, dissera ela. Meu pai pareceu entender que algo tinha mudado. Ele parou de discutir e finalmente tirou a carteira. Também voltou a estudar para se tornar professor. Acho que não havia problema em levar uma vida desregrada quando tinha apenas uma filha para criar. Com dois, estava na hora de crescer. Hora de começar a usar gravata-borboleta.

Ele usava uma hoje, junto com um blazer mesclado e sapatos oxford vintage.

– Vestido para a neve – observo.

– Eu sou inabalável – responde papai, raspando a neve do carro com um dos dinossauros de plástico de Teddy espalhados no gramado. – Nem granizo, nem chuva, nem um mísero centímetro de neve vão fazer com que eu me vista como um lenhador.

– Ei, tinha muitos lenhadores na minha família – conta mamãe. – Nada de zombar dos pobretões da floresta.

– Jamais – retruca meu pai. – Eu só estou apontando diferenças estéticas.

Meu pai precisa girar a ignição algumas vezes para o carro ganhar vida. Como sempre, há uma batalha pelo controle do rádio. Minha mãe quer a rádio pública. Meu pai quer Frank Sinatra. Teddy quer Bob Esponja Calça Quadrada. Eu quero a estação de música clássica, mas, como sou a única fã do gênero na família, estou disposta a aceitar que ouçamos a Shooting Star.

Meu pai é quem decide.

– Já que não temos escola hoje, devíamos ouvir o noticiário por um tempo, assim não nos tornamos energúmenos...

– Acho que você quis dizer “energúmenos” – corrige mamãe.

Meu pai revira os olhos e coloca a mão sobre a dela, pigarreando com aquele jeito professoral dele.

– Como eu estava dizendo, primeiro a rádio pública. Quando as notícias terminarem, é a vez da música clássica. Teddy, não vamos fazer você passar por isso. Pode escutar suas músicas no fone – diz papai. – Só não tem permissão para ouvir Alice Cooper no meu carro. Eu proíbo. Que tal Jonathan Richman?

– Eu quero Bob Esponja! – grita Teddy, quicando no banco.

As panquecas encharcadas de calda de chocolate com certeza o deixaram ainda mais agitado.

– Filho, assim você acaba comigo – brinca meu pai.

Tanto eu quanto meu irmão fomos criados ouvindo as canções irreverentes de Jonathan Richman, que é o santo padroeiro musical dos meus pais.

Escolhidas as músicas, damos partida. A estrada tem alguns pontos com neve, mas a maior parte está apenas molhada. Acontece que estamos no Oregon. As estradas aqui estão sempre molhadas. Minha mãe brinca que quando as estradas estão secas é que é um problema: “As pessoas ficam confiantes, esquecem a cautela, dirigem como loucas. A polícia se diverte distribuindo multas por excesso de velocidade.”

Eu encosto a cabeça na janela do carro e fico observando a paisagem, um mural de abetos verde-escuros pontilhados de neve, fiapos de neblina e nuvens pesadas de chuva. Está tão quente dentro do carro que as janelas estão embaçadas, e faço alguns desenhos no vidro.

Quando o noticiário chega ao fim, colocamos na estação de música clássica. Têm início os primeiros compassos da “Sonata para violoncelo nº 3”, de Beethoven, que era exatamente a composição na qual eu trabalharia naquela tarde. Parece uma espécie de coincidência cósmica. Concentro-me nas notas, me imagino tocando, e me sinto grata por essa oportunidade de ensaiar, feliz de estar em um carro quentinho com minha sonata e minha família. Fecho os olhos.



Ninguém pensaria que o rádio fosse continuar funcionando. Mas continua.

O carro foi esvaçado. O choque de uma picape de 4 toneladas a 95 quilômetros por hora atingindo em cheio o lado do passageiro foi algo como a força de uma bomba atômica. Arrancou as portas, jogou o banco do carona pela janela do motorista. Virou o chassi, fazendo-o quicar pela rua, e arremessou o motor pelos ares como se fosse leve como uma teia de aranha. Atirou rodas e calotas na floresta. Incendiou pedaços do tanque de gasolina, e agora as pequenas chamas lambem a estrada molhada.

E houve muito barulho. Uma sinfonia de estrondos, um coral de estouros, uma ária de explosões e, finalmente, o aplauso final, o som

triste do metal duro retalhando as árvores, como se fossem feitas de papel. Tudo fica em silêncio depois, exceto pela “Sonata para violoncelo nº 3”, que ainda toca. O rádio do carro ainda está ligado a uma bateria, e Beethoven ainda está sendo transmitido em uma manhã tranquila de fevereiro.

No começo, acho que está tudo bem. Afinal, consigo ouvir as notas de Beethoven. Sem contar que estou de pé numa vala na lateral da estrada. Ao olhar para baixo, reparo que a saia jeans, o suéter e as botas pretas que coloquei de manhã estão no mesmo estado de quando saímos de casa.

Subo pela encosta da vala para ver o carro. Aquilo nem pode mais ser chamado de carro. É um esqueleto de metal, sem assentos, sem passageiros. O que significa que minha família também deve ter sido arremessada para fora do automóvel. Limpo as mãos na saia e vou até a estrada procurá-los.

Vejo meu pai primeiro. Mesmo a alguns metros de distância, identifico o volume do cachimbo no bolso do paletó.

– Pai – chamo.

Ao caminhar até ele, sinto o asfalto escorregadio e há pedaços cinzentos de algo que parece couve-flor. Sei na mesma hora o que é aquilo, mas, por algum motivo, não há uma conexão imediata com meu pai. O que surge na minha mente são as notícias sobre furacões e incêndios, que podem destruir uma casa e deixar outra intacta. E aquilo são pedaços do cérebro do meu pai no asfalto. Mas o cachimbo continua no bolso esquerdo, no peito.

Encontro minha mãe em seguida. Quase não há sangue no corpo dela, mas os lábios já estão azuis, e o branco dos olhos completamente vermelho, como uma criatura de um filme B de terror. Ela não parece real. E é a visão da minha mãe parecendo um zumbi estapafúrdio que dispara uma onda de pânico em meu peito, como se um beija-flor estivesse preso ali dentro, desesperado para sair.

*Tenho que encontrar Teddy! Cadê ele?* Eu me viro, atordoada, como

da vez em que o perdi por dez minutos no mercado. Tive certeza de que ele havia sido sequestrado. Claro que, no fim das contas, ele só tinha ido até o corredor dos doces. Quando o encontrei, fiquei sem saber se o abraçava ou se brigava com ele.

Volto correndo para a vala onde caí e vislumbro a mão de alguém.  
– Teddy! Estou aqui! – grito. – Levanta a mão. Vou te puxar.

Mas, ao me aproximar, vejo o brilho de uma pulseira de prata com pingentes de violoncelo e violão, presente de Adam no meu aniversário de 17 anos. É a *minha* pulseira. Eu estava usando hoje de manhã. Olho para o meu pulso. *Ainda* estou usando.

Chego mais perto, e agora me dou conta de que não é Teddy que está caído ali. Sou eu. O sangue do meu peito se espalhou pela blusa, pela saia e pelo suéter, formando uma poça, como gotas de tinta na neve virgem. Uma das pernas está retorcida, a pele e os músculos destruídos a ponto de eu ver partes do osso. Meus olhos estão fechados e meu cabelo castanho-escuro está ensopado de sangue, que o deixa com tom de ferrugem.

Fico desorientada. Isso não está certo. Não pode estar acontecendo. Somos apenas uma família fazendo um passeio. Isso não é real. Devo ter pegado no sono. *Não! Para! Por favor, para! Por favor, acorda!*, eu grito em meio ao ar gelado. Está frio. Minha respiração deveria sair condensada. Mas não sai. Olho para o pulso, o que parece estar bem, intocado por sangue e sujeira, e belisco com o máximo de força que consigo reunir.

Não sinto nada.

Já tive pesadelos antes, pesadelos em que estou caindo, em que estou tocando num recital de violoncelo sem saber a música, em que eu e Adam terminamos. Só que sempre consegui me concentrar para abrir os olhos, erguer a cabeça do travesseiro, impedir o filme de terror que acontecia por trás das minhas pálpebras fechadas. Tento de novo. *Acorda!*, eu grito. *Acorda! Acordaacordaacorda!* Não consigo. Não acordo.

Então escuto algo. É a música. Ainda estou ouvindo a música. Concentro-me nela. Dedilho as notas da “Sonata para violoncelo nº 3”, como geralmente faço quando ouço as peças nas quais estou trabalhando e me imagino tocando o instrumento. Adam chama de “violoncelo no ar”. Ele sempre me pergunta se um dia podemos fazer um dueto, ele na guitarra no ar, eu no violoncelo no ar. “Quando nossa apresentação terminar, a gente pode destruir nossos instrumentos de ar”, brinca ele. “Sei que você quer fazer isso também.”

Eu toco, com todas as minhas forças, até que o último sopro de vida no carro morre, levando a música com ele.

Não demora até que as sirenes ressoem.

## **9:23**

Estou morta?

Eu realmente tenho que me perguntar isso.

*Estou morta?*

No começo, parece óbvio que estou. Que toda a parte de ficar parada observando o estrago provocado pelo acidente foi temporária, um intervalo antes da luz forte e do momento “minha vida passando diante dos meus olhos” que me transportariam para onde quer que eu fosse em seguida.

Os paramédicos chegaram, com a polícia e os bombeiros. Alguém cobriu meu pai com um lençol. E um bombeiro está fechando o zíper de um saco plástico com minha mãe dentro. Ouço a conversa dele com o colega, que parece não ter mais que 18 anos. O mais velho explica para o novato que minha mãe provavelmente foi a primeira a ser atingida e morreu na hora, o que explicava a falta de sangue.

– Parada cardíaca imediata – diz ele. – Quando o coração não consegue bombear sangue, a pessoa não sangra. Só absorve.

Não consigo pensar nisso, em minha mãe absorvendo o próprio

sangue, então minha mente divaga sobre quão coerente foi ela ter sido atingida primeiro, aliviando o impacto da batida para a gente. Não foi escolha dela, claro, mas foi exatamente o que ela faria.

E eu? Estou morta? A menina cujo corpo está estendido na beira da estrada, com a perna caída na vala, está cercada por uma equipe de homens e mulheres que limpam freneticamente o corpo dela e enfiam não sei o quê em suas veias. Está em parte nua, porque os paramédicos rasgaram a blusa, e um dos seios está exposto. Constrangida, afasto o olhar.

A polícia acendeu sinalizadores no perímetro do acidente e orienta que os carros nos dois sentidos deem meia-volta e peguem rotas alternativas, por estradas menores que os levarão ao destino desejado.

As pessoas devem ter aonde ir, mas muitas desistem de retornar e saem dos carros, abraçando o próprio corpo por causa do frio, tentando entender o que aconteceu. E então desviam o olhar, algumas chorando, uma mulher vomitando nas samambaias do acostamento. E, apesar de não saberem quem somos nem o que aconteceu, elas rezam por nós. Sinto suas preces.

Isso também me faz pensar que estou morta. Isso e o fato de que meu corpo parece estar completamente dormente, ainda que, ao olhar para ele, para a perna que o asfalto raspou até o osso, eu saiba que devia sentir dor. Não estou nem chorando, apesar de *saber* que algo impensável acabou de acontecer com minha família. Somos como o Humpty Dumpty, e nem todos os cavalos do rei e nem todos os homens do rei vão conseguir nos juntar outra vez.

Estou refletindo sobre essas coisas quando a médica com sardas e cabelo ruivo que cuida de mim responde à minha pergunta.

– O coma dela está em oito na escala de Glasgow. Vamos entubá-la agora! – grita ela.

Ela e o médico de queixo proeminente enfiam um tubo pela minha garganta, prendem um respirador com um bulbo e começam a bombear.



- Quanto tempo o helicóptero leva para chegar aqui?
- Dez minutos – responde o médico. – E vinte para voltar para a cidade.
- Vamos levá-la em quinze, nem que você tenha que meter o pé como um demônio.
- Sei bem o que o cara está pensando. Não vai ajudar em nada se eles sofrerem um acidente, e com isso eu tenho que concordar. Ele, no entanto, não fala nada, só contrai o maxilar. Eles me colocam em uma ambulância; a ruiva entra atrás comigo. Ela bombeia o respirador com uma das mãos, enquanto ajusta o soro e meus monitores com a outra. E tira uma mecha de cabelo da minha testa.
- Agente firme – diz ela.



Fiz meu primeiro recital aos 10 anos. Eu já tocava violoncelo havia dois àquela altura. No começo, somente na escola, como parte do programa de música. Foi uma sorte terem um violoncelo, porque é um instrumento bem caro e frágil. Um antigo professor de literatura da universidade tinha morrido e deixado o Hamburg dele para a escola. O instrumento ficava encostado no canto. A maioria dos alunos queria aprender violão ou saxofone.

Quando anunciei que me tornaria violoncelista, meus pais caíram na gargalhada. Depois pediram desculpas, alegando que era muito engraçado pensar em mim, uma criança tão pequena, com um instrumento tão grande entre as pernas finas. Quando perceberam que eu estava falando sério, os dois engoliram as risadas e me incentivaram.

Mesmo assim, a reação deles me magoou... de uma forma que nunca revelei, e não sei se eles teriam entendido se eu tivesse contado. Meu pai às vezes brincava dizendo que a maternidade devia ter trocado os bebês, porque não me pareço nem um pouco com o restante da família. Todos são louros e têm olhos claros, enquanto

eu sou como uma espécie de negativo, com cabelo castanho e olhos escuros. Conforme fui crescendo, a piada foi ganhando mais significado do que talvez meu pai pretendesse. Às vezes, eu sentia como se tivesse nascido em uma tribo diferente. Eu não era como meu pai, extrovertido e irônico, nem durona como a minha mãe. E, para completar, em vez de aprender a tocar guitarra, escolhi o violoncelo.

Mas, na minha família, estar em contato com a música era mais importante do que o gênero musical que se tocava. Depois de alguns meses, ficou claro que meu amor pelo instrumento não era uma paixão passageira e meus pais alugaram um violoncelo para que eu pudesse ensaiar em casa. As tríades rudimentares me levaram às primeiras tentativas de tocar “Brilha, brilha, estrelinha”, o que acabou abrindo caminho para os estudos básicos até eu estar afinada nas suítes de Bach. Minha escola no ensino fundamental não tinha um bom programa de música, portanto minha mãe procurou um professor particular, um universitário que ia lá em casa uma vez por semana. Ao longo dos anos, vários universitários me deram aula e, quando minha habilidade superava a deles, eles tocavam comigo.

Isso continuou até o nono ano, quando meu pai, que conhecia a professora Christie da época em que trabalhava na loja de música, perguntou se ela estaria disponível para me dar aulas particulares. Ela aceitou me ouvir sem expectativas, mais como um favor para o meu pai, ela me contou depois. Ela e meu pai ouviram no andar de baixo enquanto eu ensaiava uma sonata de Vivaldi no quarto. Quando desci para jantar, ela se ofereceu para assumir minha orientação.

Meu primeiro recital foi anos antes de conhecê-la. Aconteceu em um salão na cidade, um lugar onde bandas das redondezas se apresentavam, com uma péssima acústica para música clássica sem amplificadores. Eu ia tocar um solo de violoncelo de “Dança da Fada Açucarada”, de Tchaikovsky.

Nos bastidores, enquanto ouvia outras crianças tocarem composi-

ções estridentes no violino ou meio atrapalhadas no piano, eu quase amarelei. Corri até a porta e me encolhi do lado de fora, ofegando. O universitário que me dava aula na época teve um ataque de pânico e formou um grupo de busca.

Meu pai me encontrou. Era o começo de sua transformação de hipster para quadradão, por isso usava um terno vintage, com um cinto de couro com rebites e botas de cano curto.

– Está tudo bem, Mia gatinha? – perguntou ele, sentando-se ao meu lado nos degraus.

Balancei a cabeça, envergonhada demais para falar.

– O que houve?

– Não vou conseguir – respondi, choramingando.

Meu pai ergueu uma das sobrancelhas frondosas e me encarou com os olhos azul-acinzentados. Senti como se eu fosse uma espécie estranha e misteriosa que ele observava e tentava entender. Ele tocava em bandas desde sempre. Obviamente, *nunca* sentira nada bobo como medo de palco.

– Ah, seria uma pena – disse meu pai. – Eu trouxe um presente bem legal para lhe dar depois do recital. Melhor do que flores.

– Pode dar para outra pessoa. Não vou conseguir. Não sou como você, a mamãe ou até o Teddy.

Teddy só tinha 6 meses naquela época, mas já estava claro que tinha mais personalidade e mais vitalidade que eu. E, claro, ele era louro de olhos azuis. Mesmo que não fosse, meu irmão havia nascido em uma maternidade adequada, não em um hospital qualquer, sem chance de haver uma troca acidental de bebês.

– É verdade – refletiu meu pai. – Quando fez seu primeiro concerto de harpa, Teddy ficou tranquilo como uma rocha. Que prodígio.

Comecei a rir em meio às lágrimas. Com delicadeza, meu pai passou o braço pelos meus ombros.

– Sabia que eu ficava muito nervoso antes dos shows?

Olhei para ele, que sempre me pareceu muito seguro de tudo.

– Você está falando isso só por falar.

Meu pai balançou a cabeça.

– Não estou, não. Era horrível. E olha que eu era o baterista, ficava lá atrás. Ninguém nem prestava atenção em mim.

– E o que você fazia? – perguntei.

– Ele enchia a cara – interrompeu minha mãe, enfiando a cabeça pela fresta da porta. Ela estava usando uma minissaia preta de vinil, um top vermelho, e levava Teddy, babando com alegria, no canguru.

– Duas garrafas de cerveja vagabunda antes do show. Não recomendo que você faça isso.

– Acho que sua mãe está certa – concordou papai. – O pessoal do serviço social não gosta muito de ver crianças de 10 anos bêbadas. Além disso, quando eu largava minhas baquetas e vomitava no palco, era uma coisa bem punk rock. No seu caso, se você largar o arco e ficar fedendo a cerveja velha, vai ser meio estranho. O pessoal da música clássica é meio esnobe.

Agora eu estava rindo. Ainda sentia medo, mas era um pouco reconfortante pensar que talvez o medo de palco fosse uma característica herdada do meu pai. No fim das contas, não fui trocada no hospital.

– E se eu estragar tudo? E se for horrível?

– Tenho uma notícia, Mia. Vai ter um monte de gente horrível lá em cima, você nem vai se destacar – disse minha mãe.

Teddy deu um gritinho concordando.

– Falando sério, como você supera o nervosismo?

Meu pai ainda sorria, então percebi que ele estava dizendo a verdade, porque passou a falar de maneira mais pausada.

– Não supera. Você aprende a conviver. Você aguenta firme.

Assim, fui para o palco. Não arrasei durante a apresentação. Não alcancei a glória nem fui ovacionada, mas também não fiz um monte de besteiras. E, depois do recital, ganhei meu presente. Estava no banco do passageiro do carro, parecendo tão humano quanto o violoncelo

pelo qual eu tinha me sentido atraída dois anos antes. Não era alugado. Era meu.

## **10:12**

Quando minha ambulância chega ao hospital mais próximo – não o que fica na cidade, e sim um lugar pequeno, que mais parece uma casa de repouso que um centro médico –, os paramédicos me levam correndo para dentro.

– Acho que o pulmão entrou em colapso. Coloquem um dreno torácico nela, rápido! – grita a bela médica de cabelo ruivo, me passando para a equipe da emergência.

– Onde estão os outros? – pergunta um sujeito barbado de uniforme.

– O motorista do outro carro sofreu concussões leves e está sendo tratado no local. Os pais dela já estavam mortos. Um garoto de mais ou menos 7 anos está vindo aí atrás.

Expiro fundo, como se estivesse prendendo o ar há vinte minutos. Depois de me ver naquela vala, não consegui procurar Teddy. Se ele estivesse como a mamãe e o papai, como eu... Eu não queria nem pensar numa coisa dessas. Mas não. Ele está vivo.

Eles me levam para uma salinha com luzes fortes. Um médico passa uma substância laranja na lateral do meu peito e enfia um tubinho plástico ali. Outro médico aponta uma lanterna para o meu olho.

– Sem reação – diz ele para a enfermeira. – O helicóptero chegou. Levem ela até o centro de trauma. Agora!

Eles me conduzem às pressas para fora do pronto-socorro até o elevador. Preciso correr para acompanhar. Pouco antes de a porta fechar, reparo que Willow está lá dentro. Isso é estranho. Estávamos indo visitá-la, além de Henry e o bebê, em casa. Ela foi chamada por causa da neve? Por nossa causa? Willow dispara pelo corredor do hospital, seu rosto é uma máscara de concentração. Acho que

## CONHEÇA OS LIVROS DE GAYLE FORMAN

Se eu ficar  
Eu perdi o rumo  
O que há de estranho em mim  
Eu estive aqui

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

